

ANO 01, N° Especial I, MAIO DE 2006

*DOSSIÊ ESPECIAL: MUSEUS E PÚBLICO JOVEM*

## ESPAÇO MUSEU – CONSTRUÇÃO DO SABER

Inês Gouveia<sup>1</sup>  
Lise Corrêa Rodrigues<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo enfoca uma das sistemáticas do trabalho educativo desenvolvido no Museu Histórico Nacional/MHN desde a década de 1990. O projeto chama-se *Espaço Museu Construção do Saber* e a ênfase é a construção do conhecimento em todas as etapas do encontro que é realizado a cada mês. O público é diversificado, e conta com a maior participação de professores que pretendem descortinar o Museu junto aos seus alunos. Através de várias etapas, o participante do projeto tem a oportunidade de refletir sobre conceitos seminais que norteiam o fazer museológico. Na segunda parte do texto apresentamos um relato de experiência que demonstra como esse projeto pode ter os mais diversos desdobramentos e apropriações que extravasam os muros, partindo da escola para as galerias da instituição e voltando à escola para fazer os alunos *brincarem de museu*.

**Palavra Chave:** Museu, ação educativa, (re) significação.

Museum space – knowledge construction

**ABSTRACT:** The article focus one of the systems of educative work developed by the National History Museum (Museu Histórico Nacional/MHN) since the decade of 1990. The project called *Museum Space Construction of Knowledge* and its emphasis is the construction of knowledge in all the topics of the meeting that takes place every month. The public is diversified and counts with the biggest participation of scholars which intend to explore the Museum with students. Through all the topics, the member of the project has the opportunity of reflecting on the concepts that rest around museological work. In the second part of the text we present an experience that demonstrate how this project may have many diverse redoubles and appropriations which pass though the walls, starting at school to the galleries of institution and coming back to school making the students *play the museum*.

**Keywords:** Museum, educative action, (re) signification.

---

<sup>1</sup> Pesquisadora Integrada ao Centro de Referência Luso-Brasileira do Museu Histórico Nacional desde 2002. Licenciada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, UERJ/FFP e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO. R. Visconde de Abaeté, nº 63, Apt. 202, Vila Isabel. [ines.gouveia@terra.com.br](mailto:ines.gouveia@terra.com.br). (0xx21) 9495-2177

<sup>2</sup> Responsável pelo Setor Educativo do Museu Histórico Nacional desde 2004. Bacharel em Letras – Português/Literatura, pela Universidade Gama Filho – UGF, Pós-Graduada em Literatura Infante-Juvenil pela mesma Universidade. Praça Marechal Âncora, s/nº, Centro – RJ, CEP: 20020-20. [liselima@yahoo.com.br](mailto:liselima@yahoo.com.br) (0xx21) 2550-9260

O projeto *Espaço Museu – Construção do Saber* é uma iniciativa do Museu Histórico Nacional, implementado na década de 1990 pelos Museólogos Mario de Souza Chagas e Ruth Beatriz Silva Caldeira de Andrada. Este trabalho tem como público alvo os professores, dentre outros profissionais, que procuram o setor educativo do Museu, com o intuito de conhecer a instituição de forma mais aprofundada. Este espaço de diálogo mais consistente possibilita ir além da visitação, e justamente aí incide o objetivo deste trabalho, que é refletir sobre os conceitos de patrimônio, museu e história, à luz da preservação, guarda e exposição do Museu Histórico Nacional.

Realizado uma vez a cada mês, no período de março a novembro com duração de cinco horas. A primeira etapa deste projeto acontece no auditório, com a apresentação de grupo, e a distribuição de material didático fornecido pelo Museu: um caderno das exposições permanentes e *folders* das exposições temporárias e do complexo arquitetônico da Instituição. Começamos com a discussão em torno do conceito **Museu**, visando rever as idéias pré-concebidas sobre: qual é o papel deste tipo de instituição na sociedade? Como o Museu interage com a história? O que representa o patrimônio preservado nesta instituição? Em seguida, o grupo assiste a um vídeo que apresenta a instituição como um todo, desde seu prédio até a Reserva Técnica onde o acervo que não está em exposição é guardado.



IMAGEM 1

A discussão dá lugar a uma atividade prática. Apresentamos três objetos: um bule de prata, uma taça de cristal e um vidro de alfazema. O grupo é solicitado a identificar qual destes está registrado como acervo da instituição. O objetivo desta atividade é mostrar que o Museu preserva também elementos do cotidiano atual, desfazendo a identificação de museu como espaço de *coisa velha*. Terminada esta etapa, os participantes são divididos em pequenos grupos e recebem outros objetos, os mais diferentes possíveis. Solicitamos que eles determinem uma função para

cada um destes e em seguida criem uma história que os envolva. Após a apresentação das histórias é revelada a *função usual primeira* de cada um deles e com isso trabalhamos a questão da função e ou refuncionalização do objeto museológico. Os grupos são levados a discutir como a partir de um objeto desconhecido podemos formular questões que nos permitam saber coisas a seu respeito. Desde as mais objetivas, como altura, largura, cor, espessura, até as mais subjetivas, como função, forma de utilização. Isso permite ir além da questão sensória, abre a possibilidade de uma leitura, ou seja, permite ver a peça como fonte documental.

A última etapa, que é central para o projeto, é a visita às galerias de exposição do Museu Histórico Nacional. Neste momento são transmitidas informações sobre o acervo e discutem-se os discursos que a instituição empregou para a montagem de cada espaço, além de todos os participantes trocarem suas percepções tendo em mente a possibilidade de desdobramento dessa experiência junto aos seus alunos, em se tratando de professores.



**IMAGEM 2**

Apesar do contato se dar num curto espaço de tempo, o mérito desse trabalho é demonstrado pelos participantes quando estes passam a perceber o Museu como um espaço plural, aberto aos mais diversos públicos, cuja dinâmica se dá através do diálogo constante com a sociedade, sendo nesse sentido, um lugar de construção do conhecimento. Desta forma os pré-conceitos são derrubados, abrindo-se assim uma nova possibilidade para a apropriação do Museu pelo seu público.

Para dar uma mostra de como o projeto *Espaço Museu - Construção do Saber* pode ter diversos desdobramentos, na segunda parte deste texto vamos relatar uma experiência fundamentada no Museu Histórico Nacional, em 2004, com alunos do 2º ano do Ensino Médio, cujo objetivo foi refletir sobre patrimônio, museus, história e memória, através de encontros em sua própria escola seguido de uma visita ao Museu Histórico Nacional<sup>i</sup>

### **Museu além dos muros**

A proposta de uma atividade educativa envolvendo o Museu Histórico Nacional foi pensada junto aos alunos, a partir do contato estabelecido no âmbito do estágio curricular de docência. A iniciativa justifica-se pela necessidade de atividades práticas que estimulem a relação de ensino-aprendizagem, onde o espaço de construção do conhecimento seja ampliado para além da escola. Apesar disto, o trabalho extra-muros - por se tratar de um Museu de História - pareceu-lhes, num primeiro momento, algo monótono, silencioso e apenas reflexivo.

No mês em questão, as aulas normais de conteúdo deram lugar a uma oficina sobre museu, patrimônio, história e memória. Começando por aí, no ambiente de sala de aula, fizemos a *dinâmica com os objetos*, tal qual foi explicada na primeira parte do texto. Este trabalho permitiu uma aproximação em relação aos conceitos, especialmente porque não tivemos a preocupação de que os alunos os memorizassem simplesmente. Assim como aconteceria com todas as outras etapas do projeto, a tônica era a construção dos conceitos, a reflexão crítica.

Ao avaliarmos este momento inicial, concluímos que havia um desconhecimento sobre o que é um objeto museológico e, por conseguinte, sobre o que é – ou o que pode vir a ser - um museu. Isto porque apenas alguns objetos foram escolhidos como possível acervo de museu, e justamente os que pareciam mais “antigos”. A partir desse diagnóstico, iniciou-se o processo de *desconstrução*, pois, ao contrário do que eles pensavam, todos os objetos que lhes foram apresentados podem, igualmente, pertencer à coleção de um museu, independente de sua antiguidade ou estilo. O critério inicial utilizado nesse caso é até bem simples. Para ser acervo o objeto precisa apenas ter pertencido a uma dinâmica social, qualquer que seja ela, do presente ou do passado.

Partindo destas questões, os alunos chegaram à idéia de preservação e guarda, tendo como base um raciocínio linear. Na fala dos próprio alunos: “Os objetos de hoje precisam ser preservados para que amanhã estejam nas galerias, pois não precisamos esperar que ele seja raro, para que vire acervo...” Aos poucos e em conjunto, os alunos construíram o conhecimento acerca dos conceitos que envolvem as práticas museológicas e chegaram ao tripé: guarda, preservação e exposição. O museu foi lentamente deixando de ser o lugar distante das coisas velhas, e passou a representar um universo a ser conhecido, sem grandes dificuldades, pois cada qual ali estava apto a ver, sentir e refletir. E o que mais podemos esperar de um visitante de museu?

No segundo dia de encontro, assistimos ao vídeo que apresenta o Museu Histórico Nacional. Um dos objetivos dessa atividade era fazer com que os alunos criassem, desde aquele momento, uma expectativa em relação à visita. Este foi o primeiro contato com a instituição e foi de grande importância que isso tenha transcorrido através de um recurso audiovisual, com o qual eles são absolutamente familiarizados. O nosso objetivo inicial era que essa familiaridade fosse transferida para o Museu. Ainda neste mesmo encontro conversamos sobre a avaliação final, e

ficou por nós acordado que esta se seria uma exposição na escola, onde os alunos divididos em grupo estariam encarregados de selecionar objetos e expô-los, ou seja, *brincar de museu*.

No encontro seguinte, de posse dos objetos, começamos a pensar nos discursos históricos para aquele conjunto de vestígios materiais. Esse trabalho foi muito instigante e inseriu os alunos na prática dos museus. Quais objetos seriam expostos? De que forma eles seriam combinados? O que os alunos pretendiam comunicar com eles? Muitas eram as perguntas e também as possíveis respostas, mas foi a partir desse momento que ficou mais clara a aplicação dos conceitos que havíamos discutido. Demos aos alunos a possibilidade de criar, tendo sido acordado que haviam duas regras:

- 1) Eles deveriam selecionar um conjunto de objetos previamente e,
- 2) Estes objetos deveriam comunicar algo, conter uma mensagem, ter um objetivo.

Foi dessa forma que todos compreenderam que a exposição dos museus e, particularmente, do Museu Histórico Nacional é fruto de uma seleção de acervo, da preparação de um discurso e de uma solução de como esse acervo vai ser combinado, apresentado, nas diversas vitrines e galerias.

O encontro no Museu Histórico se deu no pátio principal – Pátio da Minerva – de onde fomos ao Pátio Epiácio Pessoa ou Pátio dos Canhões, e de forma descontraída nos sentamos e continuamos nosso diálogo. Os alunos observaram e interagiram com o seu entorno. Estabelecendo uma conexão com o trabalho que deveriam desenvolver na escola, eles observavam a forma como os objetos estavam expostos. Refletiam sobre quais objetos poderiam estar naquela parte da exposição e não estavam.

A opção pelo Pátio dos Canhões se justifica pelo contraste com as outros circuitos visitados, uma vez que essa exposição do MHN agrupa objetos provenientes de diferentes contextos históricos, segundo um critério: todos são canhões. A simplicidade dessa percepção não invalida sua profundidade. Afinal, e as outras salas? Como estão organizadas? O que pretendem? Acompanhados pela sua professora e por outros alunos de Licenciatura em História, as questões de sentido histórico foram muito constantes, polêmicas poderia dizer, sempre girando em torno de conceitos, como escravidão, trabalho, poder, estado, igreja. Os alunos foram incitados a relacionar os temas com suas experiências, ficando livres para dar suas opiniões, para debater pontos de vista.

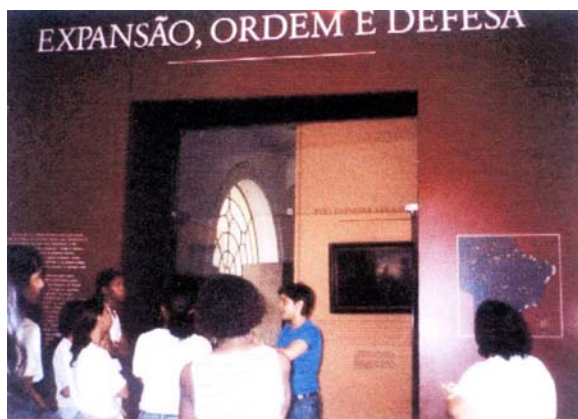


IMAGEM 3

No penúltimo encontro fizemos a avaliação da visita. Talvez o mais valioso para se destacar sobre a visita ao Museu é que, a partir de um contato fluído, eles ficaram à vontade para se movimentar, para falar, para questionar, para “sentir”<sup>iii</sup> o acervo, para se apropriarem daquele espaço e daquela experiência. A (re) significação do Museu permitiu que ele deixasse de uma vez por todas de ser visto como um depósito de coisa antiga e desinteressante. Passou a ser o lugar de cada um, comum pela experiência partilhada, distinto pelo sentido dessa experiência.

Chegamos ao dia da exposição dos alunos e para dar exemplos da profundidade dos trabalhos, podemos citar dois deles:

1) Estes alunos organizaram uma verdadeira coleção de papel moeda de diferentes épocas. Curiosamente estes objetos pertenciam ao avô de um dos alunos, o qual fez questão de lhe comunicar muito de sua lembrança sobre a economia do Brasil, seguindo as diferentes épocas monetárias. Isto foi seminal na organização desse grupo, que além de comunicar esse conhecimento adquirido oralmente, incitou uma discussão sobre o que é a moeda? sobre o valor relativo e o valor real do dinheiro. O ponto alto desta questão era justamente o nome de nossa moeda atual: Real.



IMAGEM 4

2) O segundo grupo organizou uma exposição de garrafas de vinho. Os integrantes deram grande importância a forma como os objetos estavam expostos. A mesa onde as garrafas foram dispostas estava ornamentada por uvas e algumas plantas, compondo bem aquela “vitrine”. O discurso

construído com base nesses objetos apresentou uma linha semelhante a que foi por eles observada – e descrita aqui por nós – para o Pátio dos Canhões no MHN. De acordo com os anos de fabricação de cada vinho, eram trabalhados assuntos relacionados à produção e ao consumo de álcool no Brasil. Como exemplo, o grupo levantou dados estatísticos que demonstravam o número de acidentes de trânsito envolvendo condutores alcoolizados.

3) Este grupo foi o mais intrigante. Eles reuniram suas próprias mochilas para expor. Querendo compreender qual era a proposta, que de tão diferenciada não se fez clara, um dos jovens nos explicou que se tratava de um objeto que melhor representava sua vivência escolar. Segundo ele, aquela mochila jeans que nos pareceu comum, e até certo ponto desleixada, era usada por ele há cinco anos e a cada ano, ele escrevia versos nela. O aluno nos explicou que era muito interessante ver como seus interesses haviam mudado, porque os versos tinham sempre temas diferentes. Após amadurecer aquela análise, percebemos que este grupo entendeu muito bem o sentido do projeto. O jovem da “mochila de versos” não quis expor somente o passado, um ano específico, um personagem distante da história, mas era ele mesmo ali representado, e com ele, toda sua geração. Ele se reconheceu como sujeito histórico.

A reflexão final sobre o projeto *Espaço Museu – Construção do Saber* que nos cabe aqui é que, ele permite o entendimento do Museu como um lugar fértil, seja para os professores ou outros profissionais que participam dos encontros mensais, seja para os alunos, familiares e amigos destas mesmas pessoas, que sentem o eco dessa atividade, como no caso da experiência relatada. Os visitantes sentem-se mais a vontade nas galerias de exposição e constroem vias diversas de identificação com o espaço. Mais do que entender a mensagem da instituição expressa no seu discurso através da exposição, eles estarão aptos a questionar, a refletir de forma crítica. Desta forma, o Museu Histórico Nacional não pretende ensinar como deve ser conhecido, mas abre as portas para se deixar conhecer.

### Notas

---

<sup>i</sup> O trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Walter Orlandini, a partir do estágio curricular para a conclusão do curso de Licenciatura em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores, UERJ-FFP. Como produto final escrevi a monografia de fim de curso, intitulada: *Memórias e memória: patrimônio e educação no Museu Histórico Nacional*.

<sup>ii</sup> Um fato curioso foi que ao entrar na exposição “No tempo das Carruagens”, muitos alunos comentaram sobre o cheiro da madeira, uns com satisfação, outros com repulsa. De qualquer forma, é interessante ressaltar o museu como um espaço que pode e deve ser “sentido”. Através da experiência sensível é que constituímos os nossos registros, nossa memória individual.